

TEXTO E PARATEXTO: POR UMA PROPOSTA EDITORIAL

Carla Ceci Rocha Fagundes (UFBA)

carlacecirf@yahoo.com.br

Rosa Borges dos Santos (UFBA)

borgesrosa66@gmail.com

1. O trabalho filológico

A filologia se caracteriza como uma ciência que se ocupa da conservação, restauração e preservação do patrimônio cultural escrito. De acordo com Auerbach (1972, p. 11), “o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas”. Por meio de sua principal atividade, a edição de textos, a filologia busca evidenciar uma cultura que se apresenta a partir da materialidade dos textos que recupera.

O trabalho filológico, porém, vai muito além da edição, dado o seu caráter interpretativo, no que tange a aspectos tanto culturais quanto literários. De acordo com Santos (2012, p. 19), “[A] filologia tem por objeto o texto, manuscrito, datiloscrito, digitoscrito ou impresso, oral ou escrito, tomado para investigação histórica, filológica, literária, e tantas sejam as atividades que envolvam o estudo de um texto”.

Dessa forma, para o trabalho filológico, nota-se a importância do desvelamento da vida sociocultural, sendo tal ato um passo importante para conhecer e refletir sobre a história, tendo em vista as intenções suscitadas pela pesquisa e/ou pesquisador.

O texto deixa, portanto, de ser um fim em si mesmo para se transformar em um instrumento que permite aos filólogos, e também aos diferentes estudiosos, utilizarem as conclusões e metodologias empregadas pelos críticos textuais. A inventariação, publicação e estudo de textos são um ato de preservação do patrimônio literário, linguístico e escritural de determinada comunidade e constituem obrigação de arquivistas, historiadores, e, particularmente, de filólogos, face às gerações vindouras, no sentido de perpetuar a memória coletiva, histórica, literária e linguística de um povo (SANTOS, 2012, p. 20).

2. Edição crítica e paratexto

No âmbito da filologia, a crítica textual é responsável por um importante trabalho de mediação, que visa oferecer ao público possíveis leituras e edições dos textos estudados. Desse modo, a filologia se caracte-

riza como sendo transdisciplinar, visto que, para sua prática, os diálogos com áreas afins fazem-se apropriados para o exercício de edição e para o estudo de textos, recorrendo-se a um vasto número de conhecimentos, que ultrapassam o campo da edição crítica (CAMBRAIA, 2005). Faz-se necessário, por exemplo, o trânsito por áreas como a história e a arquivística.

Sendo todo documento composto de uma visão de mundo de quem o produziu, torna-se imprescindível a realização de uma leitura filológica ativa, que “implica adentrar no processo da linguagem já em funcionamento nas palavras e fazer com que revele o que pode estar oculto, incompleto, mascarado ou distorcido em qualquer texto que posamos ter diante de nós” (SAID, 2007, p. 82-83).

Portanto, ao fazer a leitura dos documentos, pode-se verificar como se concebem os diálogos existentes entre cultura, ideologia e história nas produções textuais (CÔROA; SOUZA, 2012). Nota-se, assim, a postura autônoma que deve assumir o Crítico Textual diante de seu trabalho, pois este não consiste em um mero preparador de textos (PICCHIO, 1979).

O filólogo sabe desde o início que o seu estatuto é o de crítico, pois nenhuma constituição textual, nenhuma emenda seriam possíveis fora ou antes de uma compreensão total, de uma interpretação no sentido mais amplo e preciso do termo (PICCHIO, 1979, p. 211-212).

Dessa forma, compreende-se que a edição crítica de textos envolve não somente a subjetividade do filólogo, mas também o aprofundamento de conhecimentos quanto ao autor e à época do texto estudado, visando oferecer garantias de uma interpretação confiável.

Tendo em vista tal responsabilidade e a necessidade da elaboração de edições cuidadosas, levando-se em consideração as especificidades concernentes a cada texto, o crítico textual, ao realizar o seu trabalho, recorrerá a diversos materiais que possam ser recolhidos, servindo para compor o estudo do contexto em que se insere a obra e fornecendo possibilidades para as suas intervenções e decisões críticas. Para tanto, os paratextos se constituem em importantes elementos, auxiliares à interpretação, ao estudo e à edição.

3. *Por uma relação entre texto e paratexto*

O termo paratexto foi cunhado primeiramente por Gérard Genette, em 1989, e, desde então, passou a ser relacionado a todo material que acompanha o texto, tido como principal, configurando-se, portanto, como um auxílio à leitura e à interpretação de um texto. A paratextualidade, consoante Genette (2006), faria parte de um dos cinco tipos de transtextualidade, sendo formada por:

[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende (GENETTE, 2006, p. 9-10).

O paratexto, conforme assevera Genette (2006), se divide em dois grandes subconjuntos, o peritexto e o epitexto. O peritexto agrupa os paratextos previamente elaborados para o texto maior, como rascunhos, esboços, projetos diversos; e o epitexto se refere a materiais que circulam fora da obra, como entrevistas, correspondências, notícias em jornais e revistas etc.

Contudo, a relação estabelecida, anteriormente, entre texto e paratexto, nas teorias de edição, tem sido contemporaneamente questionada, pois, de acordo com Lourenço (2009), esta não compreendia a dinâmica da textualidade, conceito que sofreu uma ampliação para que, dessa forma, pudesse abarcar em sua definição diferentes materialidades textuais. Dessa forma, de acordo com McKenzie (2002, p. 31), são considerados textos:

[...] *los datos verbales, visuales, orales y numéricos en forma de mapas, impresos y música, archivos de registros sonoros, de películas, vídeos y la información computarizada; de hecho, todo desde la epigrafía a las últimas formas de discografía. No es posible ignorar el reto que suponen nuevas formas.*

Diante dessas reflexões, nota-se que, “muito mais do que peças acessórias ou circunstanciais, ou elementos de uma prática editorial, os paratextos podem constituir-se em eficientes estratégias textuais integradas à estrutura literária” (CÔROA; SOUZA, 2012, p. 146). O paratexto não deve, portanto, ser encarado como, tão somente, componente restrito ao suporte da obra literária, categoria que o afasta, conseqüentemente, da análise textual (MARTINS, 2010).

Nesse sentido, “quando se fala, portanto, em posição marginal, alude-se mais à localização gráfica do paratexto, que somente nesse aspecto pode ser considerado ‘fora’ do texto.” (MARTINS, 2010, p. 170), sendo importante destacar o seu caráter instável e polissêmico. Desse modo, compreende-se, diante de tais reflexões, que a hierarquia que, durante tanto tempo, marcou a relação entre texto e paratexto precisa ser refletida, devendo-se estabelecer entre estes uma relação que seja capaz de conferir sentido ao paratexto (LANE, 1992).

Desse modo é possível conceber o paratexto não apenas como invólucro do livro, componente de sua materialidade, mas como elemento significante da estrutura formal da obra. Na abordagem desenvolvida por Genette, o paratexto, muito mais do que acompanhar o texto, nele integra-se, não apenas por acrescentar uma informação ou propor uma interpretação, mas, sobretudo, por colocar a obra em perspectiva intertextual, conferindo-lhe uma dimensão institucional. Conforme referido anteriormente, os paratextos contribuem para a percepção do estatuto literário do texto. Pode-se afirmar que o paratexto, jogando com as convenções literárias (e editoriais), cumpre uma importante função no sentido de garantir, antes mesmo da leitura do texto, sua literariedade. Assim, o paratexto poderá constituir-se em um eficiente mecanismo de legitimação do texto literário (MARTINS, 2012, p. 170).

Percebe-se, portanto, que a posição de paratexto é configurada em função das intenções da pesquisa e do pesquisador, e que esta tem se distanciado de uma relação hierárquica, estrita, em relação ao texto, sendo importante ressaltar sua individualidade e importância, visto que é elemento participante da textualidade, defendida por McKenzie (2002).

4. *O paratexto na edição de textos teatrais*

A Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), sob a coordenação da professora Rosa Borges, possui importantes trabalhos na área da filologia e da crítica textual.

Os textos teatrais são obras que se diferenciam em relação às demais, pois, como se observa em muitos casos, são escritos por diferentes agentes (atores sociais) e podem passar por grandes modificações, tendo em vista a adequação a situações diversas. De acordo com Santos (2012, p. 24): “O texto teatral em seu processo de produção evidencia as múltiplas relações existentes entre escrita e oralidade, sobretudo pelo fato de esse texto ser elaborado para ser encenado, apresentado em sua modalidade oral”.

Essa situação textual, investigada pela ETTC, configurou o tipo de relação ali estabelecida entre texto e paratexto, durante o processo de estudo e edição do texto teatral.

No âmbito das pesquisas com o texto teatral censurado, consideram-se as entrevistas com autores, recortes de jornal sobre as peças teatrais, certificados de censura, ou seja, tudo o que esteja entre o texto e sua periferia e que possa servir à fixação crítica do mesmo, além de esclarecer sobre o contexto sócio-histórico em que os textos teatrais, selecionados para edição, foram produzidos (CÔROA; SOUZA, 2012, p. 146).

Ainda de acordo com Côroa e Souza (2012), o acesso a tais materiais auxiliou a pesquisa do grupo, através do esclarecimento de diversas situações textuais, dentre elas destaca-se a seguinte:

A realização de entrevistas ajudou a esclarecer questões textuais atinentes ao texto *Vegetal Vigiado* [1977, 1978], de Nivalda Costa, em que a dramaturga explica a criação do termo 'pãu', que pode ser lido como 'pão', alimento, ou 'pau', instrumento de repressão, fazendo ainda alusão à provável bissexualidade do personagem Billie, conforme o trecho da entrevista: "[...] há uma alusão a uma provável bissexualidade dele [personagem Billie], que vem de uma geração em que [...] era proibido proibir, aí... é... pau de porrada mesmo [...], e pão, também de comida" [...] (CÔROA; SOUZA, 2012, p. 147-148, grifo dos autores).

Percebe-se então a importância da paratextualidade, que desempenha papel auxiliar para a pesquisa em questão, além de contribuir para uma mudança de atitude por parte do pesquisador, sobre tudo na forma como a ETTC utiliza os paratextos. Nesse contexto, os materiais representados por entrevistas, matérias de jornal e certificados de censura, desempenham a função de elementos paratextuais em relação à obra a ser editada.

5. *Considerações finais*

Com efeito, compreendendo a dinâmica da textualidade, encara-se o texto como documento/monumento de determinada sociedade, seja ele literário, ou texto de imprensa, referente à transmissão de determinada obra/evento etc.

Nota-se, assim, a importância de uma reflexão em torno do estabelecimento da relação entre texto e paratexto, interrogando-se quanto às suas classificações e hierarquias e questionando-se a procedência e a validade das mesmas no contexto atual, principalmente no que concerne aos campos da filologia e da crítica textual.

Nesse sentido, a dissertação intitulada *Edição e Crítica Filológica de Pau e Osso S/A, do Amador Amadeu: Por um estudo da relação texto e paratexto na prática editorial*, a ser defendida por esta pesquisadora, buscará o aprofundamento das questões aqui abordadas, referentes ao diálogo entre texto e paratexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. Trad.: José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Edufmg, 2006. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/site/publicacoes/download/palimpsestosmon-o-site.pdf>>. Acesso em: 23-08-2012.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad.: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009.

LANE, Philippe. *La périphérie du texte*. Paris: Nathan, 1992.

LOURENÇO, Isabel Maria Graça. *The William Blake Archive: Da gravura iluminada à edição eletrônica*. 2009. 490 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lisboa. 2009.

MCKENZIE, Donald Francis. El libro como forma expressiva. In: _____. *La bibliografía y la sociología de los textos*. Trad.: Elias Guerrero Nolasco. [s.l.]: UNAM, p. 27-47, 2002.

MARTINS, Aulus Mandagará. As margens do texto nas margens do cânone: Paratexto, texto e contexto em Luuanda e Mayombe. In: *Ipotesi – Revista de Estudos Literários*. Juiz de Fora: Edufjf, v.14, n. 2, p. 169-177, jul./dez, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/14-As-margens-do-texto-nas-margens-do-c%C3%A2none.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

PICCHIO, Luciana Stegagno. O método filológico (Comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários). In: _____. *A lição do texto*. Filologia e literatura. I– Idade Média. Trad. de Alberto Pimenta. Lisboa, p. 211-235, 1979.

SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Trad.: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SANTOS, Rosa Borges dos. O Texto como documento social e histórico: por uma análise filológica. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 12, 2008, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: CiFEFil, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/textos_completos>. Acesso em: 23-08-2012.

_____. (Org.). Filologia e literatura: lugares afins para estudo do texto teatral censurado. In: *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a literatura, história e o teatro*. Salvador: Edufba, v. 1, p. 19-65, 2012.

CÔROA, Williane Silva; SOUZA, Luís César Pereira de. História e teatro: unidos pela filologia para estudo do texto teatral censurado. In: SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a filologia em diálogo com a literatura, história e o teatro*. Salvador: Edufba, v. 1, p. 139-153, 2012.

TELLES, Célia Marques. O paratexto e a filologia. In: TEIXEIRA, M. C.; QUEIROZ, R. C. R.; SANTOS, R. B. (Orgs.) *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006.